

Filosofia da linguagem e Ciência da Informação na América Latina: apontamentos sobre pragmática e linguagem ordinária

GUSTAVO SILVA SALDANHA

*Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

LUCIANA DE SOUZA GRACIOSO

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

INTRODUÇÃO

*Os signos de certa maneira são as palavras
que usamos para nos comunicar. Ao
falar repomos o mundo em palavras e
pensamentos, com figuras de linguagem que nem
percebemos, como as metáforas, as metonímias, as
elipses, hipérboles e tantas outras. Na canção de
Chico Buarque, encontramos a prima; será rima?*

Solange Puntel Mostafa, 2012

O desenvolvimento dos estudos da informação recebeu a contribuição filosófica de diversas tradições do pensamento ocidental. Pode-se encontrar, por exemplo, desde a construção positivista à elaboração marxista da Ciência da Informação (CI) além dos enfoques fisicalistas e cognitivistas. Dentre tais tradições, destaca-se neste estudo o papel da filosofia da linguagem no delineamento das fronteiras e dos núcleos do campo no contexto contemporâneo.

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

Tendo por objetivo geral compreender a epistemologia da CI a partir da reflexão sobre a linguagem, atenta-se aqui para o papel do pensamento latino-americano neste processo. Neste sentido, os seguintes objetivos específicos são aplicados: identificar os principais nomes dos estudos informacionais no contexto da pesquisa epistemológica da América Latina; reconhecer as influências teóricas no cerne da filosofia da linguagem; discutir as abordagens que se destacaram nos trabalhos latino-americanos, principalmente aqueles que sublinharam a relevância da linguagem ordinária; avaliar as qualidades e as lacunas do discurso produzido pela epistemologia informacional latino-americana.

Como metodologia, os seguintes recursos são definidos: a) método: estudo bibliográfico, orientado para a identificação da voz dos epistemólogos da informação, seus modos e locais de divulgação do discurso e de diálogo; b) forma de análise: hermenêutica, que visa interpretar o cenário do pensamento contemporâneo da CI; c) recortes espacial e temporal: a produção latino-americana em epistemologia da Ciência da Informação das décadas de 1990 e 2000 em periódicos e eventos científicos.

Dentre os dados reconhecidos e observados, registra-se o uso de autores do chamado “pós-estruturalismo” e do “pragmatismo”, na visão de personagens de diferentes tradições, principalmente a produção brasileira, mexicana e colombiana, destacando-se o pensamento de Miguel Angel Rendón Rojas, no México, e Néli-da González de Gómez, no Brasil. Estruturalmente, os periódicos *Ciência da Informação*, *Transinformação*, *Perspectivas em Ciência da Informação* e *DataGramaZero*, do Brasil, *Investigación Bibliotecológica*, do México, e *Revista Interamericana de Bibliotecología*, da Colômbia, se apresentam como fonte principal de disseminação do pensamento filosófico-científico sobre a linguagem no campo. Junta-se a este, a produção do Grupo de Trabalho 1 da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), no Brasil.

Como interpretação preliminar do estudo, pontua-se a forte influência pós-estruturalista e pragmatista do pensamento latino-americano em torno da linguagem, principalmente com a pre-

sença de autores como Ludwig Wittgenstein e Jürgen Habermas. Discute-se, neste sentido, o desdobramento de conceitos como “cultura”, “sociedade”, “indivíduo”, “contexto”, “linguagem”, “uso”.

Como conclusões, destaca-se a elaboração de uma epistemologia da linguagem ordinária, na América Latina, como um dos modos de se fazer e de se pensar a informação na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, observa-se um baixo exercício crítico, manifestado pela ausência de uma leitura integradora da ideia de “linguagem” dentro dos estudos informacionais, como também um hiato entre teoria e prática no cotidiano do profissional da informação.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM E LINGUAGEM ORDINÁRIA: A CAMINHO DOS ESTUDOS DA INFORMAÇÃO

A Filosofia da Linguagem pode ser encontrada a partir de um conjunto de “considerações reflexivas sobre a linguagem” (Auroux, 2009b), ou seja, a identificação dos estratos do pensamento de filósofos ao longo do tempo que trataram a linguagem como objeto. Esta reflexão tem início com os filósofos pré-socráticos e é continuada em Platão e Aristóteles, que começaram a distinguir classes de palavras – inicialmente, nomes e verbos. Temos uma “filosofia da linguagem”, desta maneira, de cada filósofo – a Filosofia da Linguagem de Hegel e a de Heidegger por exemplo. Discussões teóricas visando explicar a natureza linguística – ou a experiência humana diante/na da linguagem – e também reflexões sobre a construção de sistemas lógicos – uma filosofia analítica da linguagem – também podem ser visualizadas como manifestações da Filosofia da Linguagem. No contexto contemporâneo, destaca-se uma recusa pela busca por sistemas abstratos da lógica formal no estudo da linguagem, resultando na filosofia da linguagem ordinária. Temos aqui o pensamento de Wittgenstein como marco-filosófico no contexto da longa tradição da FL. (Auroux, 1998)

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

As reflexões sobre a linguagem no mundo antigo podem ainda ser encontradas nos estudos sobre a Retórica, a Lógica e a Gramática. A literatura primitiva se apresentará como a fonte original de reflexão sobre a linguagem. O primeiro grande movimento do pensamento a colocar a linguagem como objeto foi a Sofística. Reflexões sobre a Etimologia, Oratória e Fonética se destacam neste momento. Além disso, o sofista Protágoras voltaria seu olhar diretamente para a Gramática como disciplina especializada, distinguindo as classes de proposições, chamadas de interrogativas, assertivas, desiderativas e imperativas, buscando regras para a língua grega, distinguindo, ainda, nome, verbo e outras partículas. (Kroll, 1941)

O percurso da filosofia moderna até o século XIX demarca uma série de estudos que incidirá direta ou indiretamente sobre a linguagem. Aqui podemos enquadrar personagens como Hobbes, Rousseau, Leibniz, Condillac, Port-Royal. No oitocentos, identificamos a viragem para o objeto linguagem propriamente dito, demarcado, por exemplo, pela expansão do pragmatismo e da semiótica, tendo os trabalhos de Charles Peirce e Ferdinand de Saussure papel fundamental. Com Nietzsche, encontramos o posicionamento mais radical desta conversão do olhar filosófico.

No século XX, por sua vez, encontramos um conjunto significativo de abordagens orientadas para a linguagem. Não apenas os antigos saberes linguísticos se especializam e se emancipam, como ganham um discurso preponderante, através de seus métodos e de seus conceitos, em outros ramos. A própria filosofia tende, neste momento, a ser traduzida apenas como uma filosofia da linguagem, como se todo o projeto metafísico de dois milênios caísse por terra no novecentos. Ludwig Wittgenstein, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault, Jürgen Habermas são exemplos objetivos desta linha de pensamento.

Em seu estudo sobre a Filosofia da Linguagem e a CI, Gracioso (2008, p. 65) lembra que “a filosofia da linguagem coexiste com a Filosofia de modo geral; entretanto, as formas de essa abordar a linguagem foram repensadas ao longo do tempo”. Ou seja, “a filosofia da linguagem é uma categoria aberta que contempla todos

os estudos filosóficos que tiverem como objeto a linguagem e o significado”. Em linhas gerais, a Filosofia da Linguagem é elaborada no momento em que redirecionamos nosso olhar sustentado na “filosofia da consciência (na qual se pergunta pelos processos de aferimento do conhecimento) para uma filosofia que considera as condições para a construção de sentido da linguagem antecedentes às condições de possibilidades de construção do conhecimento” (Gracioso, 2008, p. 65). As margens abertas por abordagens individuais sobre a linguagem ganham, no oitocentos, e, principalmente, no novecentos, confluências, passando este objeto, a linguagem, a se apresentar como domínio comum de diferentes domínios do conhecimento.

A CI não ficará distante destas transformações. Ao contrário, estará diretamente envolvida com elas. Nas últimas décadas a pesquisa em CI recebeu a contribuição de teorias oriundas de diferentes campos. Nesse processo, assim como ocorreu e como atualmente se dá em diversos saberes, a CI vivenciou um processo de reorientação de sua epistemologia, voltando-se para uma metarreflexão focada na linguagem. Chamada por Habermas (2004) de viragem linguística, este deslocamento filosófico se espalhou por disciplinas que vão da Psicologia à Economia, passando também pelas ciências exatas. Trata-se de uma movimentação que fundamentará uma epistemologia que tem na linguagem seu ponto de partida e seu ponto de chegada – mais do que meio, a linguagem é tomada como objeto, como pedra de toque para compreensão da realidade, esteja ela inserida em um discurso mentalista ou fisicalista.

A viragem na direção da Filosofia da linguagem aproxima diretamente Filosofia e Ciência, e Ciência e Literatura. As três instituições são tomadas como gestos do discurso. Em outras palavras, esta movimentação integra – ou reintegra – saberes filosóficos e saberes científicos às Humanidades, reorientando a racionalidade moderna das filosofias da consciência e da natureza para o estudo da linguagem, assim como o Humanismo o fez a partir do século XIV contra a Escolástica – esta, por sua vez, uma das principais bases da racionalidade moderna. A partir do século XIX, a

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

abordagem pragmática da linguagem se desenvolve e, na epistemologia dos estudos informacionais se manifesta claramente cem anos depois.

Para Rendón Rojas (1996), o enfoque pragmático é um fundamento essencial para o estudo da informação uma vez que reconhece a dialética do sujeito com o mundo que o cerca. González de Gómez (1996) partilha da mesma opinião. A autora observa que a pragmática apresenta elementos para superar os limites, as simplificações e exclusões das teorias sintática e semântica da informação. Segundo González de Gómez (1996), na década de 1980, diversos estudos da informação se concentraram no problema da relação significado-informação, mas a partir de diferentes objetivos. Dentre estes, dinamizar sistemas de recuperação da informação, aperfeiçoar os mecanismos de representação informacional e incorporar a diversidade cultural na programação de ações locais.

Dentro do pragmatismo, os problemas informacionais são tratados como “questões humanas”, não como demandas físicas, isto é, os problemas de classificação e catalogação não são situações complexas de livros, documentos ou bits, mas entraves/desafios da representação, da organização e da sistematização de culturas, fontes de investigação do conteúdo. Desta forma, a partir do pragmatismo, não são o livro nem o computador os objetos de estudo da CI, mas, sim, o mundo informacional construído pelo homem, do qual estes e tantos outros artefatos fazem parte.

Para Habermas (2004, p. 68), a passagem da Filosofia da consciência para a linguagem traz algo além das vantagens metodológicas. Há também, na visão do filósofo, ganhos objetivos, contra a crítica em geral remetida ao seu relativismo. As filosofias da linguagem permitiriam abandonar o “círculo imprecendente entre os pensamentos metafísico e antimetafísico”, ou “idealismo” e “materialismo”, recuperando problemas históricos da filosofia que a metafísica não podia solucionar.

O contextualismo anunciado pela Filosofia da linguagem ordinária na Teoria da Ação Comunicativa habermasiana percebe a persuasão como contraponto à metafísica e à verdade última.

Esta concepção permite ao pensamento recuperar os relevantes dispositivos do pensamento oriundo das Humanidades, restaurando alguns pressupostos humanistas abandonados no âmbito das ciências naturais. As experiências estéticas, sobretudo da área da literatura e da teoria literária, diz Habermas (2004, p. 241), são manifestações que nunca abandonaram este contextualismo pragmático.

A vivência coletiva da linguagem constituída é o fato que “estabiliza” a pluralidade sem o relativismo *ad infinitum*. A vivência cria a possibilidade de julgar, de significar. O jogo de linguagem de cada produção discursiva, de onde emergem os intercâmbios informacionais e as interpretações dos artefatos de memória, pode expressar muitas formas de vida, sem que uma forma de vida ou linguagem sintetize outras, sem que se estabeleçam como incomensuráveis (González de Gómez, 1996). Este movimento, no âmbito da CI, identifica a modificação de propostas teóricas físico--cognitivas para abordagens pragmatistas, como a análise do domínio (Hjorland, Albrechtsen, 1995) e a cibersemiótica (Brier, 1996), que igualmente revelam a aproximação entre CI e Humanidades.

LINGUAGEM, FILOSOFIA DA LINGUAGEM E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A relação entre CI e FL pode ser verificada de maneira mais clara nos últimos destinos da epistemologia do campo. O trabalho de Blair (1992) nos chama a atenção ao dimensionar uma relação intrínseca entre Recuperação da Informação e FL. A primeira afirmação de seu posicionamento é taxativa: “sistemas de informação são fundamentalmente Linguística” (Blair, 1992, p. 200). O principal foco de seu pensamento está na compreensão da chamada linguagem natural para tradução dos documentos – se compreendemos de maneira coerente a linguagem, podemos descrever de forma mais qualitativa os textos e recuperá-los, aponta o autor.

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

Na visão de Mostafa (1993), diferentes abordagens podem trazer à tona a perspectiva da linguagem. É o caso das análises habermasiana e lyotardiana das transformações contemporâneas. De um lado, por exemplo, com Habermas, encontramos as regras da pragmática comunicacional, comum a todo discurso. Por outro, em Lyotard, encontramos regras como irredutíveis aos vários discursos. Para Mostafa (1993), ambos fazem uma “pragmática informacional”, sendo ainda comum aos autores a intersubjetividade do discurso como lócus definidor da linguagem como o lugar da existência. No entanto, Habermas trabalha com a “descolonização sistêmica do mundo da vida, enquanto, para Lyotard, a industrialização dos mundos da vida emancipam a humanidade.

Outra aproximação trazida por Mostafa (2012) está na análise da representação sógnica entre Peirce e Deleuze. Na sua visão, “entender o mundo como um conjunto de signos, é uma maneira de sair de certas posições especulares e avançar em formas mais ricas de representar” (Mostafa, 2012, p. 27). Neste sentido, é oportuno, em seu olhar, perceber a relevância das modificações da semiótica peirceana desenvolvidas pelo filósofo Deleuze. Este rejeitaria a rigidez da lei e do convencionalismo histórico cultural, rigidez que tenderia a atrasar a difusão do signo.

O trabalho de Day (2005) é outro exemplo de aproximação da epistemologia da CI ao estudo da linguagem. A partir do que trata como pós-estruturalismo, o autor observa a influência de filósofos como Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault no pensamento da CI. O pós-estruturalismo, na visão de Day (2005), enfatiza a centralidade da linguagem nos estudos informacionais em sua teoria e em sua prática. Esta abordagem é apontada pelo autor como de relevância destacada no campo por questões objetivas e sempre emergentes, como vocabulário e discurso, signos não linguísticos e afetos. A relação entre CI e linguagem, na visão de Day (2005), é ainda mais profunda: os estudos pós-estruturalistas poderiam aprofundar tanto as questões ontológicas e epistemológicas, quanto aquelas questões éticas e políticas pertinentes aos estudos da informação.

A epistemologia traçada no mesmo período por nomes como Bernd Frohmann, Birger Hjørland, Rafael Capurro, Ronald Day, Michael Buckland e Miguel Angel Rendón Rojas nos permite ampliar esta visão sobre a relação entre linguagem, FL e CI. No contexto brasileiro, os estudos de Maria Nélide González de Gómez se aproximam, nos anos 1990, fundamentalmente, do pensamento de Ludwig Wittgenstein e do pragmatismo de Habermas e da Teoria da Ação Comunicativa, à procura de uma pragmática que permite posicionar o usuário não apenas em sua busca, mas, em sua construção da linguagem. Podemos tratar o pensamento de González de Gómez como espaço de construção de uma escola de pensamento entre FL e CI – o estabelecimento de uma ponte entre a teorização da linguagem nas demais ciências que têm por objeto o discurso e a teorização específica sobre a linguagem produzida pelos estudos da informação.

González de Gómez (1996) nos oferece um ponto nuclear da reflexão: a passagem, através da transferência da informação, de um panorama epistemológico orientado estruturalmente para a organização/representação do conhecimento para as políticas de informação. Por transferência de informação, a pesquisadora abrange uma comunidade de interlocução e relevância em um domínio do conhecimento. Esta transferência diz respeito à constituição de pragmáticas da informação, que se aperfeiçoam na pluralidade, e, não, na unidade, e conferem graus de validação para os signos e os objetos manipulados nas ações de informação.

Na medida que está orientada para *preencher um vazio* entre uma esfera desejada de distribuição e absorção da informação e um estado atual de disponibilidade e uso da informação, a ação de transferência vai definir uma posição-sujeito correspondente à clientela ou usuários da informação. Nesse sentido, ela *estabelece um traçado preferencial da geração, distribuição e uso da informação*. Interessa-nos analisar essas condutas decisórias e seletivas, iniciadas por uma organização ou ator coletivo, conforme seus fins e objetivos, e seu recorte estratégico, num campo de possibilidades cognitivas, comunicacionais, informacionais. De fato, *uma ação de Transferência de Informação*

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

realiza, pelo menos, quatro operações de seleção: a) de uma rede de interlocução (produtores, parceiros, usuários); b) de um domínio temático – ou de uma “ontologia” da informação; c) de um universo de fontes; d) de um critério de valor e relevância da informação. De fato, práticas intelectuais tradicionais, como a classificação ou a elaboração de bibliografias, estabeleciam elos entre os universos ideais do conhecimento e os acontecimentos espaço-temporais de sua elaboração e enunciação. Nesses registros de metainformação, autores, instituições científicas, eventos, editores, arcabouços disciplinares e temáticos apresentam-se como indicadores pragmáticos, capazes de vincular a produção do conhecimento à sua recuperação. (González de Gómez, 1996, p. 64, grifo nosso)

No contexto brasileiro, podemos iluminar esta tradição orientada pela linguagem a partir do pensamento da pesquisadora com o exemplo de alguns trabalhos de orientação que se desdobraram nas últimas duas décadas, contemporâneos ao período de produção discursiva que no exterior se desenvolvia sobre o tema. Sob orientação de González de Gómez, no programa de pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, encontramos as pesquisas de Maria Sallet Novellino, Evelyn Goyannes Dill Orrico, Luciana de Souza Gracioso, Gustavo Silva Saldanha. As investigações oriundas destes estudos realizam, cada qual com um enfoque, a relação entre o campo informacional e da linguagem.

Uma segunda escola de pensamento na relação entre FL e CI foi desenvolvida e sedimentada em São Paulo. Enquanto a “escola carioca” volta-se estruturalmente para o estudo epistemológico da relação entre FL e CI, esta se dedica mais ao estudo “linguístico”, ou da “linguagem aplicada”, na interface FL e CI, sob a influência de teóricos como Jean-C. Gardin, E. Wuster e M. Coyaud, no âmbito do estudo das linguagens documentárias. Chamamos a atenção para nomes como de Nair Yumiko Kobashi, Marilda Lopes Ginez de Lara, Ana Maria Marques Cintra, Johanna Wilhelmina Smit, José Augusto Chaves Guimarães, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Vânia Mara Alves Lima, Mariângela Fujita, Carlos

Cândido de Almeida, cujos trabalhos estão diretamente envolvidos com o Grupo TEMMA, da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP), orientado em seu horizonte para o estudo no âmbito da análise documentária e voltado atualmente para os estudos gerais da organização da informação.

Trabalhos brasileiros oriundos de nomes como Hagar Espanha Gomes, Maria Aparecida Moura, Marcos Luís Cavalcanti de Miranda, Lídia Alvarenga, Maria Luiza de Almeida Campos, Lídia Silva de Freitas, Gercina Ângela Borém Oliveira Lima, integram, junto de outros tantos, esta linha de pensamento – o que reforça, sobremaneira, nossa hipótese de relação abissal entre FL, CI e linguagem. Se optássemos pela revisão de literatura dos trabalhos que procuram perceber as fronteiras entre Estudos da Linguagem – Linguística, Semiótica, Sociolinguística, Terminologia, Análise do Discurso, Neurolinguística etc. – e os estudos da informação, teríamos um grande acervo documental teórico-crítico, aprofundando ainda mais a condição antevista.

Sob o tom epistemológico, a análise oriunda de Miguel Ángel Rendón Rojas complementa a interface entre FL, CI e linguagem de uma forma direta. Para o filósofo mexicano, segundo a leitura do campo baseada na visão de Heidegger de que “o ser está na linguagem”, podemos demonstrar que o campo se desenvolve diretamente fundamentado neste argumento. Na imagem da biblioteca como laboratório clássico da prática informacional, Rendón Rojas (1996a) percebe que esta, por “guardar a linguagem” em sua extensão mimética, não somente se apresenta como casa, mas como espaço de revelação do elemento linguístico, ou do discurso. O histórico diálogo entre o pensamento latino-americano na CI demarcado entre Rendón Rojas, González de Gómez e Mostafa nos oferece um painel objetivo das aproximações que aqui procuramos abordar a partir do terreno filosófico.

Mostafa (1996, p. 43), em sua crítica ao representacionismo, lembra-nos que “a excelência do conhecer não passa pelo representar”. No entanto, todo conhecer é também representar. Por isso, antes deste âmbito, o estudo da informação deve se voltar para “o solo do conhecimento”, onde a linguagem é primitiva, ou

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

seja, é comum aos seus participantes. A informação, afirma a pesquisadora, aparece recentemente como linguagem, como texto, como escrita. Desta maneira, antes de tudo, se há um “paradigma” dentro da CI, este é o “paradigma da linguagem” (Mostafa, 1996, p. 43). Por isso, o estudo da informação é estruturalmente uma análise filosófica da linguagem.

O conjunto destas abordagens e leituras demonstra a importância da relação entre FL, linguagem e CI, e demarca um território de observação epistemológica frutífero e provocador.

Das ciências da linguagem e da informação

Sylvain Auroux (1998, 1999a, 1999b) destaca-se como um dos principais nomes dedicados à reflexão histórica e filosófica do estudo da linguagem. Seu trabalho, ainda que não cubra todas as possibilidades de análise do objeto em questão, permite traçar um mapeamento das chamadas “ciências” que se dedicam à linguagem como horizonte de estudo e de produção teórica. É a partir das lacunas abertas pelo seu estudo que evidenciamos a possibilidade de aproximação da CI como uma das tantas ciências da linguagem, demonstrando que a CI não apenas se porta como um saber deste macrodomínio, como produz método e teorias estratégicas para o desenvolvimento do mesmo. Conforme aponta Auroux (1998), apenas há uma ciência da linguagem quando podemos identificar um saber metalinguístico, ou seja,

quando se dispõe de uma linguagem (metalinguagem) para representar uma outra linguagem (linguagem objeto). [...] O nascimento das ciências da linguagem é a passagem de um saber epilinguístico [o conhecimento natural de uso da sua língua que todos a princípio têm] a um saber metalinguístico. (Auroux, 1998, p. 77, grifo nosso)

Podemos perceber, nos saberes bibliológicos da Antiguidade e do Medievo, a formalização lenta de estratos de um saber linguístico, orientado para uma metalinguagem cada vez mais complexa e, ao mesmo tempo, especializada. Estas ciências da linguagem se

dão, em geral, após a constituição da “escritura” que é definidora de uma civilização, como o caso de Homero e do Corão transliterados. Ou seja, a “fixação” conduz a uma metarreflexão sobre o fixado-vivenciado.

Mas o que faz verdadeiramente começar a reflexão linguística é *a alteridade, considerada essencialmente do ponto de vista do escrito*. [...] De outro modo, o impulso do saber linguístico tem uma de suas origens no fato de *que a escrita, fixando a linguagem, objetiva a alteridade*, quer esta provenha da Antiguidade, quando é preciso ler um texto que não corresponde mais ao estado da língua, ou da novidade, quando se trata de decifrar um texto que não se conhece antes ou de transcrever uma outra língua. São, de algum modo, *a filologia e a lexicologia* que aparecem primeiro, evidentemente não como disciplinas, mas como modos de apreensão da linguagem. (Auroux, 1998, p. 77-78, grifo nosso)

É relevante destacar que os estudos de Sylvain Auroux (1998, 1999a, 1999b) atravessam permanentemente a construção do saber bibliológico tecido entre a Filologia e a Retórica, mas em nenhum momento este é afirmado como saber independente, muito menos como produtor de conceitos e ferramentas para os saberes da linguagem. Em outras palavras, a CI aparece permanentemente em seu discurso, mas nunca é afirmada como uma das ciências do macrodomínio cartografado, o continente epistemológico da linguagem.

Quando Auroux (1998) trata das ciências da linguagem, não cita a CI, nem nos parece distinguir conceitos-disciplinares a Bibliologia, Bibliografia, a Biblioteconomia, a Documentação, por exemplo, como domínios de reflexão historicamente constituídos e em franco desenvolvimento. No entanto, seu estudo sobre a “história da filosofia da linguagem” e da “filosofia da linguagem como especialidade filosófica” não deixa de tratar de instrumentos bibliológicos e da natureza da organização dos saberes. O autor recorre a todo o momento às abordagens e aos artefatos epistêmicos que foram surgindo ao longo do tempo histórico-

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

-bibliológico, como bibliografias, catálogos e fontes de referência, como aponta também para as transformações que repercutiram diretamente no fazer do organizador dos saberes, como a documentação automática, a teoria matemática da comunicação e o tratamento eletrônico da informação, além de outros tantos saberes intrinsecamente vinculados e/ou fundamentalmente investigados, como objeto, pelos estudos da informação.

Cabe-nos ressaltar que o trabalho de Aurox (1998, 1999a, 1999b) destaca-se, dentre outras características, exatamente pela preocupação em pensar a linguagem a partir das técnicas de construção, de apresentação, de conservação e de transmissão dos saberes, ações epistêmicas empreendidas pelos estudos da informação ao longo do tempo, seja como arte, profissão ou ciência. Ao nos aproximarmos de um método retirado de uma reflexão filosófica sobre a linguagem e tomarmos paralelamente a linguagem como elemento de interligação entre as abordagens aqui analisadas, procuramos demonstrar os potenciais interpretativos ligados ao posicionamento da CI como uma ciência da linguagem.

UM DIÁLOGO “BRASIL-‘ARGENTINA’-MÉXICO”

O esclarecimento do pragmatismo informacional pode ser identificado, no âmbito da América Latina, no diálogo entre o mexicano Rendón Rojas e a pesquisadora argentina, com produção no cenário epistemológico informacional brasileiro, González de Gómez desenvolvido nos anos 1990. É relevante observar que este diálogo se dá em um contexto epistemológico de considerável transformação no campo. Encontramos o desenvolvimento da visão neodocumentalista de Michael Buckland, como a construção de abordagens em Peter Ingwersen (Polirrepresentação), Birger Hjørland (Análise do Domínio) e Soren Brier (Cibersemiótica).

Em 1993, Mostafa destaca a aproximação de González de Gómez ao pensamento habermasiano. Busca-se, aqui, o complexo

das pragmáticas do agir informacional. A partir da teoria da ação comunicativa produzida por Habermas, a informação é tomada na direção dos acordos de entendimento, afastando-se de uma noção pautada por categorias técnicas, como eficiência, eficácia e produtividade.

Neste sentido, o que importa aqui é a linguagem tomada como foco, criadora e uma gramática socialmente tecida, com regras, por sua vez, reconstruídas no discurso.

Vejam bem: essas regras formais são as regras da própria linguagem. Estão postas na argumentação discursiva, e não dependem da vontade de ninguém. Por isso são formais. Por isso, fala-se em pragmática, por ser mesmo um programa prático da comunicação. As mentiras ou proposições estrategicamente defeituosas podem ser formalmente corrigidas pelo processo argumentativo, sempre disponível. A argumentação pressupõe quatro reivindicações de validade: o postulado da igualdade comunicativa, isto é, todos têm igual chance de falar; o postulado de igualdade de fala, isto é, todos têm igual chance de interpretar, asseverar, recomendar, explicar e justificar; o postulado da veracidade: todos têm igual chance de expressar idéias, sentimentos e intenções pessoais; o postulado de correção de normas: todos têm igual chance de mandar, de opor-se de permitir ou proibir de fazer promessas e de retirar promessas. (Mostafa, 1993, grifo nosso)

Como afirma Novellino (1996), dentro do agir comunicacional – agir para que González de Gómez (1996) chama atenção como um dos fundamentos da tradição pragmática –, que só pode se dar pela constituição de uma linguagem, a CI intervém, ora sob o ponto de vista da recuperação da informação, ora sob o da representação da mesma – e a recuperação só se dá pela representação ou metarrepresentação. No primeiro caso, o trabalho de intervenção concentra-se na manipulação da linguagem de saída do sistema, isto é, busca-se a aproximação do usuário com a gramática do programa que pode lhe disponibilizar conteúdos. No segundo caso, este trabalho de intervenção volta-se para a revisão da es-

estrutura do conhecimento, de onde pode partir o desenvolvimento de núcleos sistemáticos de linguagens, ou seja, classificações sociais do conhecimento, como tesouros e ontologias. Em ambas as apreensões, a linguagem aparece como elemento de investigação na ótica de atuação da CI na sociedade.

Rendón Rojas (1996) aponta a “informação pragmática” como o eixo diretor da análise epistemológica da área informacional. Com o autor, temos a extensão do pragmatismo como elemento filosófico estrutural para uma tradição pragmática da área. Como visto, o pesquisador, em sua cartografia epistemológica, divide a história do desenvolvimento da Biblioteconomia e da CI em três categorias: duas teorias gerais – sintática e semântica – e um enfoque alternativo: enfoque da informação pragmática.

No dia 18 de maio de 2007, no “Seminário de pesquisa em ciência da informação: epistemologia, metodologia e práticas”, ocorrido no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), cerca de uma década após a publicação de seu artigo *Hacia um nuevo paradigma em bibliotecología*, o pesquisador Rendón Rojas apresentou uma proposta de teoria pragmática da informação, ou seja, desenvolve também um modelo formal para definição de quando, na pragmática, um determinado objeto observado pelo usuário é ou não informação. Sua preocupação partia da seguinte premissa: se o cognitivismo se propunha estudar a relação entre homem e documento, e o pragmatismo, a relação entre comunidades e informação, uma teoria pragmática deveria resolver a questão pendente de seu quadro, ou seja, como identificar a satisfação do usuário que se encontra dentro desta comunidade.

Percebemos que aqui já é verificado o uso do termo informação em sua significação invertida: informação como representação para informação como ação. O mundo da informação está habitado pelo sentido das expressões, os conteúdos da consciência e as intenções da alma, pelo significado dos enunciados, pelas formas lógicas do pensamento e as relações entre elas, por diversos objetos. O homem se conecta ao mundo da informação através também de objetos sensíveis, mas à CI interessa certos

objetos específicos, criados especialmente para conectar ao mundo da informação: os signos linguísticos articulados – ou seja, a linguagem em todas as suas manifestações. (Rendón Rojas, 1996)

Dentro do pragmatismo, os problemas informacionais são tratados como questões humanas, não como demandas físicas, isto é, os problemas de classificação e catalogação não são situações complexas de livros, documentos ou bits, mas entraves/desafios da representação, da organização e da sistematização, fontes de investigação do conteúdo. Desta forma, a partir do pragmatismo, não são o livro nem o computador os objetos de estudo da CI, mas, sim, o mundo informacional construído pelo homem, do qual estes e tantos outros artefatos fazem parte.

Dentro do mundo informacional – ou mundo dos saberes –, os estudos da organização do conhecimento partem, primeiramente, atrás do usuário sediado em uma cultura específica para desenvolver suas investigações. A epistemologia da pragmática tem na movimentação dos construtores do conhecimento, pesquisadores e comunidades discursivas, seu primeiro objeto de investigação. No mundo informacional é a informação pragmática – ou a informação observada por um ponto de vista pragmatista – que responde pela complexa agenda de necessidades e usos da informação que os usuários compartilham. (Rendón Rojas, 1996)

Para Rendón Rojas (1996), o enfoque pragmático é um fundamento essencial para o estudo da informação, uma vez que reconhece a dialética do sujeito com o mundo que o cerca. González de Gómez (1996) partilha da mesma opinião. A pesquisadora observa que a pragmática apresenta elementos para superar os limites, as simplificações e exclusões das teorias sintática e semântica da informação. Segundo González de Gómez (1996), na década de 1980, diversos estudos da informação se concentraram no problema da relação significado-informação, mas a partir de diferentes objetivos. Dentre estes, dinamizar sistemas de recuperação da informação, aperfeiçoar os mecanismos de representação informacional e incorporar a diversidade cultural na programação de ações locais.

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

Para González de Gómez (1996) e Rendón Rojas (1996), ponto fundamental na filosofia pragmatista é a noção de regra. Esta noção nasce a partir da construção pragmática de Wittgenstein (1979). Através desta é constituída a estrutura que permite as diversas interpretações pelos usuários da informação. Aqui a noção de regra se contrapõe ao conceito de lei. As leis são regularidades que independem do contexto, da percepção dos indivíduos que dela fazem uso. Ao contrário, as regras são instrumentos ou símbolos não de representações mentais, mas de práticas sociais. Os critérios que levam um indivíduo a seguir uma e não outra regra partem do caráter público de construção social do conhecimento. As regras organizam a experiência prático-discursiva, gerando “normalizações” que são constituídas sobre o contrato local dos participantes de uma relação intersubjetiva mediada por uma linguagem. Os jogos de linguagem são as maneiras plurais em que as práticas coletivas relacionam as palavras e as coisas, o novo e o velho, as experiências e as expectativas. Assim, os jogos de linguagem são matéria de estudo da CI. (González de Gómez, 1996)

A vivência coletiva da linguagem constituída é o fato que “estabiliza” a pluralidade sem o relativismo *ad infinitum*. A vivência cria a possibilidade de julgar, de significar. Um jogo de linguagem, de onde emergem os intercâmbios informacionais e as interpretações dos artefatos de memória, pode expressar muitas formas de vida, sem que uma forma de vida ou linguagem sintetize outras, sem que se estabeleçam como incomensuráveis. (González de Gómez, 1996)

A organização do conhecimento segue, sob o olhar da tradição pragmática, o caminho da multiplicidade: os significados comuns não são o espelho do mundo, nem a reprodução de um espírito objetivo de essências culturais, nem o resultado de um *a priori* normativo. No pragmatismo, palavras e conceitos participam do sentido, mantendo entre si relações complexas e nunca saturadas. Estas relações são as chamadas semelhanças de família. (González de Gómez, 1996)

González de Gómez (1996) aponta duas orientações wittgensteinianas fundamentais para a CI – orientações profundas na tra-

dição pragmática –: a primeira, definida pela referência às regras ou às generalizações empíricas, buscando os construtos sociais nos processos de informação; a segunda ligada às práticas sociais e seus contextos, buscando melhor compreender as variações, a possibilidade de distinção em um mundo cada vez mais definido pela homogeneização tecnológica das construções discursivas. Estas questões contribuem ainda para a compreensão dos estudos de tradutibilidade dos discursos, dentro da análise entre a comensurabilidade das teorias – ou seja, como na Retórica, contribui para a desconstrução de complexos discursivos nas sociedades.

Dito isto, González de Gómez (1996) enxerga no pragmatismo um caminho para apreender os fenômenos e os processos de informação, como processos sociais, cognitivos e comunicacionais. Aqui a prática e a ação de informação (o informar, informar-se e o ser informado) constroem os significados e estabelecem redes de semelhanças e diferenças. O enfoque pragmático, assim, sustenta-se como uma alternativa para os limites do representacionismo nos estudos da informação que têm como unidade de análise o enunciado ou a proposição. Para o pragmatismo, as unidades de análise passam pelos textos, discursos, o diálogo, os jogos de linguagem, ou seja, a rede social que produz e interpreta os saberes.

Alguns aspectos dos estudos atuais da pragmática são destacados pela pesquisadora. São eles: a elaboração e o desdobramento do conceito de contexto, como contextos situacionais e de ação; a dupla relação entre falar e fazer, ou seja, o falar fazendo e o fazer falando; o caráter produtivo do uso da linguagem; a introdução da subjetividade e dos processos sociais complexos que sobredeterminam os modelos racionais universalizadores da geração e do uso da informação (González de Gómez, 1996).

São todos elementos que avançam no pensamento que traduz a CI como ciência social aplicada e, a partir desta, uma ciência humana, uma ciência das comunidades discursivas, voltada para a compreensão do outro, identificando uma família de correlações das análises culturais – filológicas e retóricas – dos estudos

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

de organização do conhecimento. De um modo geral, são estas, categorias já apontadas em nossa viagem. No próximo capítulo procuramos sintetizar as familiaridades entre as manifestações discursivas, observando os desdobramentos da tradição pragmática dentro da organização do conhecimento.

Depreendem-se do exposto, transformações na epistemologia dos estudos da informação, que demarcam, por exemplo, explorações epistemológicas para além da representação. Ocorre na tradição pragmática um deslocamento que vai da unilateralidade de compreensão da linguagem como representação para a linguagem como entidade comunicacional ou transmissionista, como observado por Novellino (1998) e González de Gómez (1996), como identificado em grande parte da filosofia wittgensteiniana e em todo o pragmatismo. A ação de transferência da informação engloba representação, recuperação e comunicação, como observa Novellino (1998).

Tradicionalmente, porém, ênfase maior é dada à representação. A questão é que, do ponto de vista tradicional, este processo é visto isolado do contexto na qual a ação de transferência se insere. Assim, é necessário pensar a ação que aborde os contextos institucional e social e a transferência como intervenção – é necessário realizar a passagem das linguagens documentárias (de representação) para as linguagens de transferência, pois o significado não está no texto, mas no contexto (Novellino, 1998). Desta forma, chegamos até o foco de estudos da análise wittgensteiniana das linguagens ordinárias; a CI se apresenta, sob a tradição pragmática, como uma investigadora de gramáticas primitivas.

Algumas noções tecidas sob a filosofia da linguagem ordinária na epistemologia da Ciência da Informação

A construção da reflexão epistemológica da CI sob o ponto de vista da filosofia da linguagem ordinária nos oferece um léxico distinto. Percebemos a revisão de noções clássicas dos estudos informacionais e a apropriação de conceitos constituídos na filosofia da linguagem para o pensamento em curso no campo. Abaixo,

a título de revisão, indicamos algumas dessas noções hoje diretamente envolvidas nos discursos da CI, presentes no diálogo latino-americano sobre o desenvolvimento de nossa epistemologia.

- Filosofia da linguagem: a filosofia da linguagem é uma categoria aberta que contempla todos os estudos filosóficos que tiverem como objeto a linguagem e o significado, indo dos estudos da linguagem ideal à linguagem ordinária
- Filosofia da linguagem pragmática ou ordinária: no início do século XX, estudos começam a rebater *as ideias que defendiam a existência de uma linguagem ideal* e a linguagem começa a ser entendida, então, de acordo com sua função comunicacional, de modo que a construção de seus sentidos se estabeleceria a partir das trocas simbólicas praticadas por sujeitos participantes de uma ação de comunicação.
- Filosofia da linguagem na Ciência da Informação: a filosofia a qual nos ocupamos é aquela que indaga as possibilidades, as validades e os limites da mediação linguística, de modo que a questão do estatuto da verdade se desloca de uma filosofia da consciência (que considera a supremacia do aparato cognitivo, atribuindo a ele a produção das instâncias humanas de juízos, valores, desejos, crenças e que, por conta disso também é reconhecida como filosofia do sujeito) para uma análise da linguagem em seu uso social.
- Funcionamento da linguagem: para que se consiga compreender a linguagem, suas funções práticas precisariam ser entendidas, e não somente o significado isolado das expressões linguísticas. [...] não há como o signo ser entendido isoladamente, pois esse entendimento só se estabelece com seu uso na linguagem. [...] “Não podemos adivinhar como uma palavra funciona. Temos que ver seu emprego e aprender com isso (Wittgenstein, af. 349, 1979). O funcionamento da linguagem se constitui como uma rede polidirecional, flexível e aberta, que se movimenta por meio ou a partir de semelhanças de família entre os conceitos. Não haveria uma ‘raiz’ comum na linguagem. Os jogos de linguagem poderiam

ser agrupados somente por meio de semelhanças de família. “A linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está” (Wittgenstein, af. 203, 1979).

- Significação da linguagem: é a explicação do uso da palavra que oferecerá os elementos que permitirão a sua significação, cuja certeza se dará pelo fato de que podemos explicar o uso de uma palavra somente relacionando-a a situações práticas, as ações. A explicação do uso prático e social da palavra gera o seu significado. Assim, a situação é que constituiria o “sistema de referência” para o uso da palavra, logo, para sua significação. Uma expressão não deixa de ter significado por não se referir a um objeto, assim como é um erro categorial tratar o objeto a que uma palavra se refere como significado desta. “O que devemos dizer para elucidar a significação, isto é, a importância de um conceito, são frequentemente fatos naturais extraordinariamente gerais. Tais fatos não são quase nunca mencionados devido a sua grande generalidade” (Wittgenstein, af. 143, 1979). A significação, antes de ser a descrição de objetos no mundo, seria o domínio de uma técnica; além de ser objetiva é, sobretudo, social, porque dependeria de uma série de usos compartilhados, que têm por resultado e suporte as regras, caracteristicamente indeterminadas, justamente por se constituírem conforme a demanda desses usos. Por isso, a linguagem não estaria mais sujeita a regras rígidas.
- Jogo de linguagem e significação: Wittgenstein, nos primeiros parágrafos das Investigações filosóficas, “define” um jogo de linguagem (*Sprachspiel*) como uma combinação de palavras, atos, atitudes e formas de comportamento, isto é, compreendendo o processo de uso da linguagem em sua totalidade. Isso pode ser percebido em seu aforismo 07: “Chamarei também de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”. Wittgenstein explica a consideração sobre os jogos de linguagem como ações da vida: “Comandar, perguntar,

tagarelar pertencem à mesma história de nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar” (Wittgenstein, af. 25, 1979). No jogo, cada termo possuiria uma multiplicidade de usos e suas aplicações não precisariam de um elemento comum, mas teriam significados relacionados por parentesco.

- Linguagem enquanto uso: a relação das ações com o uso da linguagem pode ser exemplificada pelo aforismo 486. “[...] Uma conclusão é a passagem para uma afirmação; e também para o comportamento que lhe corresponde. “Tiro as consequências não apenas em palavras, mas também em ações” (Wittgenstein, af. 486, 1979). Segundo Wittgenstein, a recíproca também seria verdadeira: “[...] podemos frequentemente prever a ação de uma pessoa a partir da manifestação da decisão. Um jogo de linguagem importante” (Wittgenstein, af. 632, 1979). Por meio de jogos de linguagem, os indivíduos aprendem a usar certas palavras e expressões. Na realidade, o que o indivíduo aprende não é pura e simplesmente uma palavra ou expressão, mas um jogo de linguagem completo, isto é, como usar determinada expressão linguística em um contexto determinado para obter certos fins. Por isso, seríamos capazes de criar usos novos em novas situações de interação. Os jogos, por serem dependentes e ao mesmo tempo constitutivos das formas de vida em que são jogados, movimentam-se de acordo com a dinâmica dessas e, por isto, não são fixos. Em um jogo de linguagem não estão inseridas somente as palavras, mas as ações, os objetos, o contexto em que as expressões linguísticas são aferidas.
- Forma de vida: as formas de vida que compartilhamos hoje (conjunto de hábitos, crenças, comportamentos) não são necessariamente frutos de uma evolução histórica e linear dos acontecimentos – como também não o são os jogos de linguagem. As formas de vida que poderemos vir a compartilhar, os juízos, os consensos a que iremos chegar não são previsíveis em sua totalidade, da mesma maneira que os jogos de linguagem não o são. Em cada época, formas de vida são estabelecidas e outras deixam de ser seguidas, o

que ocorre também com os jogos. O significado de uma expressão seria a função do tipo de uso do simbolismo dentro de uma forma de vida.

- Regra: a regra é um dos elementos constitutivos do jogo de linguagem que não está destinada a transmitir representações, ideias interiores (como em alguns pressupostos lógicos, positivistas e estruturalistas da linguagem). Essa regra seria um conjunto ora geral, ora situacional de comportamentos humanos constituídos dinamicamente nas práticas cotidianas. Seria uma condição de uniformidade, ou de coletividade momentânea, que resulta da organização dos fatos de um modo de vida. Seguimos as regras às cegas, como diz Wittgenstein. Não há métodos sobre como construir e seguir as regras. A soma dessas é que delimita os lances possíveis nos jogos de linguagem. A regra constitui as situações de vida e estas contemplam ações que as ligam umas às outras (não de modo linear nem hierárquico, mas por semelhanças). Essas trocas e esse compartilhamento de regras e de formas de vida permitem que nos entendamos ou aprendamos – e ajamos – em diferentes jogos de linguagem. Seguir uma regra é um conjunto de hábitos e que não há normas para isso. Para se compreender uma linguagem, uma frase que seja, precisa-se dominar uma técnica, que é adquirida no próprio viver. Não há regras universais que permitem a construção de jogos de modo previsível nas comunidades discursivas em que são usadas e elaboradas.
- Semelhanças de família: não só os conceitos, como as regras, as gramáticas e as formas de vida se constituiriam, se movimentariam e se modificariam por meio das semelhanças de família. “[...] vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor” Os conceitos podem seguir o fluxo da vida, sendo re-significados e reformulados ao longo das práticas emergentes. Esta extensão ilimitada de possibilidades de significação é conduzida pela semelhança de família. (Wittgenstein, af. 66, 1979).

- Gramática: a gramática seria, inicialmente, um conjunto de possibilidades de pontos de partida para o uso de conceitos em um jogo de linguagem e, ao mesmo tempo, a teia que se formaria na medida em que elos entre conceitos fossem estabelecidos no jogo.
- Web pragmática: conceito de *Web pragmática* tem sido analisado em diferentes frentes de estudo tanto nos EUA como na Europa. Em 2006 foi lançado o manifesto da *Web pragmática* no qual se estabelecem tanto os aportes teóricos pragmáticos estudados quanto as metodologias de construção de instrumentos de análise e avaliação das práticas sociais, comunicativas e interativas via internet, no contexto do que até então também se nomeia Web 2.0. Essa plataforma interativa, para sermos mais específicos, é basicamente constituída a partir de uma rede de afinidades intersociais e o processo de construção de seu conteúdo é multilateral e rizomático. Identificamos a Web pragmática como um plano em que o *mundo da vida* e o *dos sistemas* (conceitos utilizados por J. Habermas, mais precisamente em sua Teoria da Ação Comunicativa, 1981) podem se cruzar sem intervenções hierárquicas mediadoras exclusivas. O'Reilly diz que a regra mais importante dessa plataforma virtual interativa, é manter o foco no desenvolvimento de aplicativos que aproveitem o uso da rede como sendo o (a) sua retroalimentação. Entretanto, esse modo de qualificar quantificando, que articula esta plataforma, é alvo de críticas das mais diferentes frentes de investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusões, destaca-se a elaboração de uma epistemologia da linguagem ordinária, na América Latina, como um dos modos de se fazer e de se pensar a informação na contemporaneidade. Uma certa “pragmática informacional” se desenvolve no período,

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

tendo como aporte, fundamentalmente, o pensamento filosófico de Habermas e Wittgenstein. Ao mesmo tempo, observa-se um baixo exercício crítico, manifestado pela ausência de uma leitura integradora da ideia de “linguagem” dentro dos estudos informacionais, como também um hiato entre teoria e prática no cotidiano do profissional da informação.

Tal tradição pragmática da epistemologia informacional desenvolvida sob o solo latino-americano entende, de um modo geral, que

o conhecimento, produto autônomo e às vezes não intencional das *ações humanas*, carece de toda a transparência e imediatismo para seus próprios produtores, apesar de seus efeitos de retrocarga sobre as *esferas das subjetividades*. (González de Gómez, 1993, grifo nosso)

Dessa maneira, destaca-se um olhar sociolinguístico do conhecer, que vai até o solo das práticas de construção e desconstrução da informação. Assim, um pensamento filosófico que se apoia nas instáveis estruturas do cotidiano é articulado, pois é no cotidiano que os sujeitos interagem, elaboram conhecimentos e deliberam representações – ou consensos simbólicos que se sedimentam como modelos de habilidade sintática pelos quais os homens se comunicam. A mais rudimentar estrutura do cotidiano a ser observada – e talvez uma das menos estáveis – será justamente a linguagem.

Sob a influência de abordagens pós-estruturalistas e pragmatistas, outras visões sobre a pragmática informacional têm se desenvolvido recentemente na América Latina. É o caso dos trabalhos de Gracioso (2008, 2010, 2011) e Saldanha (2012). Com a primeira, registra-se o desenvolvimento dos conceitos de “web pragmática” e “pragmática digital”, sob a influência de Habermas e Wittgenstein, à procura da compreensão dos usos comunicativos na linguagem no universo das redes interconectadas. Com Saldanha (2010, 2011, 2012), busca-se, à luz do pensamento e do método filosófico wittgensteiniano, sob o pano de fundo da filosofia da linguagem ordinária, uma compreensão da prática

informacional em sua expressão geral a partir do conceito de “transgramáticas”, orientadas, estas, para comunicação, educação, construção (poiesis) e política.

Logo, percebe-se que uma tradição pragmática para a epistemologia da CI precisa apoiar-se em profundas bases hermenêuticas, pois, dado o grau elevado de instabilidade de constituição e desenvolvimento de uma linguagem, apenas o domínio da interpretação poderia lançar-se ao desafio de apreensão das subjetividades – o desafio etnológico da alteridade. Assim, o pragmatismo informacional acontece dentro de uma teoria simbólica das ciências sociais e humanas, articulado por atividades científicas hermenêuticas e etnográficas, baseadas em metodologias qualitativas.

Como tradição pragmática, este circuito de hábitos e crenças volta-se para o estudo do indivíduo em suas relações socioculturais, nas comunidades de uso e desdobramento da linguagem, ou comunidades discursivas. Assim, essa tradição se apresenta como uma investigação das subjetividades em suas esferas comunicacionais, o que, por fundamento, revela um plano de contingências, ou seja, a possibilidade permanente da incerteza dentro da campanha científica em contextos determinados. Tal tradição abre as portas para a perspectiva fundamentada de um debate amplo sobre a histórica questão da CI como uma área interdisciplinar – como já mencionado, a discussão sobre a interdisciplinaridade ganha um aporte filosófico e, principalmente, um horizonte social em sua investigação sob o olhar pragmatista.

Destaca-se, por fim, o papel crítico-epistemológico dos estudos da linguagem ordinária para o contexto social e político da América Latina. Nos termos da reflexão sobre uma ciência social aplicada, que busca compreender e intervir na realidade observada, a importância de tais reflexões se torna flagrante em um contexto geográfico marcado por questões crônicas de desigualdade social e déficit democrático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, Nicola (2000). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Auroux, Sylvian (1998). *A Filosofia da linguagem*. Campinas: Unicamp.
- Auroux, Sylvian (2009a). *Filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola.
- Auroux, Sylvian (2009b). *Revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp.
- Blair, D. C. (1992) "Information retrieval and the philosophy of language", *The Computer Journal*, 35, 3, 200-207.
- Brier, Soren (1996). "Cybersemiotics: a new interdisciplinary development applied to the problems of knowledge organization and document retrieval in information science", *Journal of Documentation*, 52, 3, 296-344.
- Day, Ronald (2005). "Poststructuralism and information studies", *Annual review of information science social and technology (ARIST)*, 39, 575-609.
- González de Gómez, Maria Nélide (2002). "Dos estudos Sociais da Informação aos Estudos do Social desde o ponto de vista da Informação". In: Aquino, Miriam de Albuquerque (Org.). *O Campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora UFPB, pp. 25-47.
- González de Gómez, Maria Nélide (2006). "Informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens: questões epistemológicas, consequências políticas". In: González de Gómez, M. N.; Orrico, E. G. D. (Orgs). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: EDUFRN, pp. 29-84.

- González de Gómez, Maria Nélica. (2001). “Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação”, *Perspectivas em Ciência da Inf.*, 6, 1, 5-18.
- González de Gómez, Maria Nélica (1996). Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. *Transinformação*, 8, 3, 44-56.
- González de Gómez, Maria Nélica (1993). “A Representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas”, *Ciência da Informação*, 22, 3, 217-222.
- Gracioso, Luciana de Souza (2008). *Filosofia da linguagem e Ciência da Informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Gracioso, Luciana de Souza (2010). “Justificação e a ação de informação no contexto da pragmática virtual”, *Liinc em Revista*, 6, 2, 286-300.
- Gracioso, Luciana de Souza; Saldanha, Gustavo Silva (2011). *Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: da pragmática informacional à web pragmática*. Rio de Janeiro: Ed. do autor.
- Habermas, Jurgen (2003). *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus.
- Habermas, Jurgen (2004). *Pensamento pós-metafísico: ensaios filosóficos*. Coimbra: Almedina.
- Hjorland, Birger; Albrechtsen, H. (1995) “Toward a new horizon in information science: domain-analysis”, *Journal of the American Society for Information Science*, 46, 6, 400-425.

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

- Kroll, W. (1941) *Historia de la filología clásica*. Barcelona: Labor.
- Mostafa, Solange Puntel (1996). “Filosofando sobre a área de informação”. In: *Simpósio Brasil-Sul de Informação; assumindo um novo paradigma acervo versus informação*. Londrina. Simpósio Brasil-Sul de Informação. Londrina: UEL, pp. 31-45.
- Mostafa, Solange Puntel (2010). “Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação”, *Inf. & Soc.: Est.*, 20, 3, 65-73.
- Mostafa, Solange Puntel (2012). “Charles Peirce, Gilles Deleuze e a Ciência da Informação”, *Inf. & Soc.: Est.*, 22, 1, 27-37.
- Solange Puntel Mostafa (1993). “Novos referenciais teóricos no XVI Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia”, *Ciência da Informação*, 22, 3.
- Moura, Maria Aparecida (2006). “Ciência da Informação e semiótica: conexão de saberes”, *Enc. Bibli: Rev. Eletr. Bibliotec.* Ci. Inf, 2.
- Novellino, Maria Sallet F. (1996a) “A teoria da ação comunicativa e a representação da informação”, *Informare: caderno do programa de pós-graduação em ciência da informação*, Rio de Janeiro, 2, 2, 73-79.
- Novellino, Maria Sallet F. (1996b) “Instrumentos e metodologias de representação da informação”, *Inf. Inf.*, 1, 2, 37-45.
- Novellino, Maria Sallet F. (1998) “A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação”, *Perspect. Cienc. Inf.*, 3, 2, 137-146.
- Peirce, Charles (1974). “Conferências sobre o pragmatismo”. In: *Charles Sanders Peirce; Gottlob Frege*. São Paulo: Abril Cultural.

Filosofia da linguagem e Ciência da Informação...

- Rendón Rojas, Miguel Ángel (1996). “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”, *Transinformação*, 8, 3, 17-31.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel (1997). *Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel (1999). “Cuestiones epistemológicas de la ciencia bibliotecológica y la información”, *Informare: cad.prog. pós-grad.ci.inf.*, 5, 2, 31-37.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel (2007). “La Pragmática como enfoque para la investigación em Ciencia de la Información”. In: *Seminário de pesquisa em ciência da Informação: epistemologia, metodologia e práticas*. Rio de Janeiro: IBICT.
- Saldanha, Gustavo Silva (2008). *Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein*. Dissertação – (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte.
- Saldanha, Gustavo Silva (2012). *Uma filosofia da informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Saldanha, Gustavo Silva (2011). “Entre a Retórica e a Filologia: do pragmatismo ao humanismo na epistemologia da Ciência da Informação”, *INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 2, 1, 47-67.

El problema del lenguaje en la bibliotecología...

Saldanha, Gustavo Silva (2010). “Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem”, *Liinc em revista*, 6, 2, 300-315.

Wittgenstein, Ludwig (1979). *Investigações Filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural.